

A necessidade de ser radical
ou
Alguns pontos de convergência entre os Black
Blocs, Taussig e Eu.

*Ser um homem com os pés no chão ou
com a cabeça nas nuvens, eis a alternativa.*

Theodor Adorno.

Paola Lappicy

São Paulo, 5 de julho de 2014

1. Primeiro Movimento

Sentei-me, pesquisei, li, me demorei, pensei, tomei um café, dormi, fumei um cigarro, sentei, li, pensei. Pensei em como escrever para um curso diferentemente do que sempre escrevo para cursos e trabalhos acadêmicos. Pensei mais, li, me demorei. E fiquei com tanta dúvida que resolvi começar a escrever e me encontrar na ação. Saí da dúvida pois, nascendo dela e continuando nela, chega-se a algum lugar. E é só isto que eu pretendo – chegar a algum lugar.

Gostaria de começar pela forma de ensaio que Theodor Adorno aborda em seu texto “O Ensaio como Forma”, para em seguida contextualizar os black blocs e relacioná-lo com o livro “Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem – um Estudo sobre o Terror e a Cura”, de Taussig. Mas não é disso que se trata.

E do que se trata então? Trata-se do caminho. Trata-se de mim, antes de qualquer coisa. Aos 10 anos, fugi de casa com uma vassoura amarrada com uma trouxa - que continha uma muda de roupa – nos ombros, e pensava que não voltaria nunca mais, pois estava tudo muito errado. No meu mundo, na minha casa e na minha família – tava tudo muito errado. Não sabia exatamente o que era isso, nem exatamente o porquê de estar errado. Mas eu pensava em não voltar nunca mais. E quando percebi que não tinha a menor ideia de onde estava, me apavorei.

Ser uma mulher conformada, e viver na inércia de um mundo que me pré-existe, ou lutar cotidianamente para que esse mundo seja um pouco mais meu, eis a alternativa. Hoje, para mim, não vejo a possibilidade de não ser radical. Pois se não sou radical, sou só metade. Pra ser eu inteira, tenho que ser mulher, homossexual, candomblecista, casada com outra mulher, negra, homossexual, candomblecista. É isso que sou em casa e é isso que sou na rua. E, sendo isto, me olham como uma alienígena. E me tratam como uma alienígena. E me ofendem como uma traidora de um mundo que era pra ser normal e tem gente como eu atrapalhando. E é por isto que eu preciso ser radical.

Este ensaio pretende falar sobre os black blocs, e não há como falar sobre os black blocs sendo imparcial. E me insiro neste ensaio para que ele também não seja impessoal. Este ensaio é livre. Não completamente, pois nada nem ninguém é livre. Mas é livre dentro das circunstâncias que o permitem.

Para Theodor Adorno, o ensaio começa com o que se deseja falar, é prosseguido pelo que lhe ocorre a respeito e finaliza onde sente ter acabado – e não onde não há mais o que dizer.

Este ensaio seguirá este modelo, o qual foge de um modelo. Começo este, então, falando sobre mim, para depois falar sobre a liberdade da escrita do próprio ensaio, seguindo uma estética “blackblocsiana”. Em seguida, desenrolarei a falar sobre o contexto dos black blocs – historicamente, no mundo, e no Brasil a partir das manifestações de 2013 -, como tinha já pensado no início. Abordarei, refletindo acerca dos “efeitos de verdade” de Taussig, opiniões acerca dos black blocs e a importância do radicalismo que o contempla, para concluir voltando à minha experiência. Começo e fecho este ensaio, portanto, falando de mim. Pois é disto que se trata.

1.1. A liberdade do Ensaio

O ensaio, diferentemente de um tratado, é composto pela experimentação, no qual o objeto é revirado, questionado e refletido (Adorno apud Bense, 2003). Para Adorno, o ensaio necessita da disponibilidade, como a de uma criança que não se envergonha de se empolgar com o que outros já fizeram.

Para Adorno, o ensaio ruim fala de pessoas, ao invés de falar sobre o objeto em questão. Antecipo que provavelmente este ensaio se encaixa neste âmbito de ensaios ruins, pois fala de pessoas em todos os momentos – pois os objetos em questão são um bloco de pessoas, os black blocs, e eu.

Não estou próxima de nada definitivo – nem no ensaio, nem em mim mesma. Neste âmbito, creio que este escrito se encaixa também na caracterização de Adorno acerca de ensaios, no qual afirma que o ensaísta abandona a esperança de estar próximo de algo definitivo. Este ensaio não é definitivo, nem minhas opiniões – são transitórias e mutáveis.

Além disto, este ensaio, ainda nas reflexões de Adorno, é fragmentado, cheio de parcialidades dentro de um todo. Não pretendo construí-lo de maneira fechada, ainda que haja uma linha que já defini e pretendo seguir. Esta linha, no entanto, não é uma linha reta e única, com pensamentos construídos e definidos, mas é composta por fragmentos diversos que em algum momento se encontrarão. Este texto é descontínuo e, talvez, um pouco caótico para quem o lê. E, por isto mesmo, o considero livre.

Para Adorno, “a lei formal mais profunda do ensaio é a heresia”. Talvez o meu objetivo neste ensaio seja escrever um ensaio nesta forma livre mais do que falar sobre os black blocs. Ir contra um sistema de escrita ao qual tenho aderido nos últimos anos e o qual me foi ensinado desde os primeiros escritos não é fácil. Ser livre não é fácil. Portanto, o principal objetivo deste ensaio é ser heresiarca. Talvez também seja este o meu principal

objetivo na vida. Talvez seja este o principal objetivo dos black blocs. Questionar uma ordem. Buscar liberdade.

Por meio do texto surge a figura de seu produtor (Taussig, 1987). A minha opinião acerca dos black blocs é clara, e favorável a estes, mas pretendo cadenciar o texto a partir de opiniões contrárias que alternam o meu discurso. Assim, o texto se estrutura a partir da luta dos black blocs, a história do movimento, o contexto em que se insere, e o tanto que este movimento não é aceito, e criticado até dentro de movimentos sociais.

Reconheço um pouco do que sou, conheço-me ainda que minimamente, e sei que, dado o caos ao qual meu corpo e minha mente se submetem cotidianamente, é necessário organizar-me – haja vista que este ensaio, por mais livre que seja, não é nada livre, e inclusive tem um prazo. Por isto mesmo, organizei-o em movimentos, assim como numa peça musical – à qual tenho mais intimidade do que com a escrita. Imagino trompetas rasgando o ar, tambores africanos intensos, e uma guitarra distorcida, que parece inadequada e rompe um desfecho.

Fim do primeiro movimento.

2. Segundo movimento: Os black blocs e os movimentos no Brasil

No início dos anos 1980, na Alemanha Ocidental, surgiram do movimento autonomista alemão os primeiros black blocs. O movimento autonomista foi um movimento que surgiu da experiência da autonomia operária na Itália na década de 70, e se espalhou pela Europa nesta e na década seguinte. A Alemanha foi um dos países nos quais este movimento mais se desenvolveu.

O autonomismo foi desenvolvido como experimentos sociais organizados por setores à margem do modo de vida capitalista e buscava criar formas de sociabilidade alternativas nas próprias sociedades capitalistas, calcadas em valores opostos a este sistema. No final da década de 1970, grupos começaram a organizar ações contra a construção de usinas nucleares na Alemanha. Estas ações se davam por meio de acampamentos nos lugares onde as centrais das usinas seriam construídas, no interior. Enquanto isto, em grandes cidades na Alemanha, jovens e minorias passaram a ocupar espaços e imóveis vazios, transformando estes em moradias e centros sociais. Estes eram os primeiros ‘squats’ alemães, e se inspiraram em grupos que já faziam isto em outros países – como na Holanda e Inglaterra. Estas duas formas

de ação – acampamentos contra construção de usinas e ocupações urbanas – se tornaram as bases do movimento autonomista na Alemanha.

É fundamental compreender que estes espaços ocupados eram uma forma de questionamento do sistema capitalista em voga, criando, na própria sociedade capitalista, pequenos grupos opostos a este sistema.

A partir do momento que estes métodos começaram a crescer na Alemanha, o governo federal percebeu que poderiam ser uma ameaça e, em 1980, começou uma ofensiva policial contra estes métodos pelo país. Sofreram, assim, estes que participavam do movimento autonomista, um ataque policial violento neste mesmo ano. A partir desta ofensiva policial, estes militantes se organizaram para resistir à repressão e continuar com seus espaços. Foi assim, então, que nasceu a tática dos black blocs. Em 1980, durante uma manifestação em Frankfurt, militantes autonomistas se organizaram pela rua com o rosto e o corpo de preto, com equipamentos de proteção para defesa da polícia. A imprensa alemã os chamou, então, de “Schwarzer Block”, que significa “Bloco Negro”, ou “Black bloc”.

A tática se proliferou pela Europa e chegou aos Estados Unidos em 1988, quando o primeiro black bloc foi organizado para se manifestar contra esquadrões da morte em El Salvador financiados pelo governo americano. Na década de 1990, surgiram outros black blocs nos Estados Unidos, mas estes ainda não eram conhecidos pela grande mídia. A primeira grande manifestação dos black blocs que os tornaram conhecidos foi em 1999, quando um bloco se organizou para se manifestar contra a OMC em Seattle. Nesta manifestação, os black blocs começaram a fazer ataques contra símbolos do capitalismo e, assim, os jornais do mundo inteiro divulgaram estas ações.

Neste momento, os black blocs deixaram o instrumento que antes tinham - basicamente de defesa contra a repressão policial – e também passaram a atacar - um ataque simbólico. O black bloc passou a ser marcado pela violência simbólica.

Esta violência é fundamental para a compreensão de qualquer aspecto dos black blocs. Não há violência contra ninguém, nos princípios dos black blocs – apenas violência contra os símbolos de um sistema opressor e injusto, de acordo com os manifestantes. A década de 1990 foi marcada pelo boom da globalização, das grandes empresas globais e, por meio de ataques à essas empresas – McDonald’s, por exemplo, os black blocs pretendiam mostrar a materialização da exploração e da violência daquelas empresas.

Nesse contexto, os black blocs surgiram no Brasil. Com esta manifestação de Seattle, grupos brasileiros de militantes se articularam em coletivos por um movimento de resistência à globalização neoliberal. Em 1998, surgiu a Ação Global dos Povos, que criou o Dia de Ação

Global, o qual articulava protestos em diversos lugares do mundo contra reuniões internacionais a favor da globalização neoliberal. Em 2000, em São Paulo, manifestantes atacaram o prédio da Bovespa, contra a reunião do FMI que acontecia em Praga. Ainda que a imprensa não tenha mencionado o termo “black bloc”, a lógica da manifestação e a tática eram as mesmas. Em 2001, novamente, uma manifestação foi organizada como mais um protesto no mundo contra a Cúpula das Américas, na qual era discutida a criação da ALCA (Área de livre Comércio das Américas). Esta foi a primeira manifestação contra a globalização neoliberal que foi divulgada pela mídia internacional.

A partir de então, o termo “black bloc” já era conhecido internacionalmente e, ainda em 2001, nas manifestações contra a reunião do G8 na Itália, foi organizado o maior black bloc até então nas ruas de Gênova. Houve um grande confronto com a polícia e um manifestante italiano, Carlo Giuliani, levou um tiro na cabeça da polícia e foi morto. Este foi um marco para o movimento.

Muitos críticos começaram a dizer que os black blocs estavam infiltrando manifestações estudantis. No Quebec, um dos integrantes deste movimento pontuou:

Somos homens e mulheres. Somos estudantes. Somos trabalhadores. Somos desempregados. Estamos furiosos. Não estamos cooptando uma greve. Fazemos parte do movimento desde o começo, uma de suas facetas, junto com todos os outros. Não nos infiltramos em manifestações. Ajudamos a organizá-las, fazemos com que elas nasçam. Não estamos sabotando a greve. Somos parte integral dela, ajudamos a organizá-la, fazemos seu coração pulsar.

Além das críticas, a partir da morte de Giuliani, o uso da violência contra apenas objetos dividiu os ativistas – entre os “vândalos” e “pacíficos” -, discussão parecida à que há hoje, e os black blocs saíram da mídia, ainda que a tática tenha continuado a ser usada em manifestações nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, estas manifestações cessaram, e ficaram num patamar maior de discussão no meio militante do que de ação. No entanto, em junho de 2013, quando começaram as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público organizadas pelo MPL (Movimento Passe Livre) em São Paulo, os black blocs voltaram com força nas manifestações e mídias.

A partir deste momento, levarei o foco para São Paulo, haja vista que minhas fontes e minha vivência são dali. Antes do dia 13 de junho, as mobilizações convocadas pelos black blocs eram parecidas com outras convocadas desde 2004 – um movimento relativamente

pequeno, no qual havia um núcleo militante. Dentre este núcleo, havia militantes do MPL, militantes partidários, e coletivos libertários – os quais formaram, alguns, black blocs nos atos.

No dia 13 de maio, no entanto, com a extrema e absurda violência policial, os ataques contra jovens classe média, ricos e jornalistas, muitas pessoas que eram contra o radicalismo e se afastavam na militância política se indignaram. Muitos ficaram chocados com tanta violência nos vídeos divulgados pela internet, e a luta contra o aumento virou quase unanimidade. Levaram, assim, “o facebook pra rua” (Fiuza apud Sakamoto). Assim, de um dia para o outro, muitos perceberam a força da política, e que esta pode ser feita nas ruas. Assim, pessoas de todas as tendências políticas possíveis foram para a rua. Os black blocs, militantes de diversos setores, jornalistas de diferentes jornais normalmente avessos à manifestações, estudantes, idosos e empresários.

Na Folha de São Paulo, o jornalista expôs sua opinião, após alguns destes protestos:

O jornalismo viu e vê com olhos encantados os ditos protestos, mas isso decorre de um desvio de esquerda. O petismo que remanesce nas redações é do tipo primitivo, meio “psolento”, e acredita na geração espontânea da “consciência social”.

Reinaldo Azevedo, Folha de São Paulo, 27 de junho de 2014.

O jornalista vê de forma negativa os protestos, e não acredita na mudança de consciência social a partir destes. Muitos que são contra os black blocs são contra movimentos de esquerda em geral, e avessos à manifestações e, conseqüentemente, aos black blocs também.

3. Terceiro movimento: A copa do mundo da FIFA

Nas manifestações de junho de 2013, com os diversos setores, havia as maiores contradições e reivindicações opostas nos gritos que se ouvia na rua – entre os ufanistas e moralistas da elite, e os anarquistas anti-capitalismo. Havia a extrema direita, a direita, a extrema-esquerda, e houve um momento em que a esquerda moderada – composta pelos partidos políticos – apareceu também nas manifestações. A questão é: após a revogação do aumento das tarifas em São Paulo, a única luta que unificava todos aqueles grupos que iam para as ruas deixou de existir. As contradições passaram a ser maiores do que qualquer luta.

E aqui chega-se ao ponto-chave acerca das manifestações: a necessidade de ser radical. Esta luta em massa que houve em São Paulo e em tantas outras cidades, foi apenas por um denominador comum: o aumento da tarifa de ônibus. Ela culminou com a repressão policial. As pessoas todas iam para as ruas por vários motivos, cada um com os seus, mas o fator comum era – contra a repressão policial e contra o aumento das tarifas.

Não é fácil participar de movimentos sociais. Em todos eles, há contradições. Mas há contradições e contradições – e algumas são muito difíceis de lidar. Já participei de muitos movimentos sociais em que o machismo predomina. Já participei de coletivos feministas em que o machismo predomina. E, nestas condições, estive sempre em busca de movimentos que me representassem mais, sabendo que estas lutas me contemplavam. Estar em um movimento com o qual você se identifica com as prioridades e se deparar com as contradições dele é uma coisa. Ir para com um movimento que não tem prioridades e no qual a sua base são as contradições é outra coisa. Chegou um momento em que os movimentos em São Paulo já não tinham bandeira. E gays caminhavam ao lado de homofóbicos, anticapitalistas ao lado de empresários – caminhavam todos sem nenhuma luta identificada em comum.

A elite que lutava era contra o PT, fazia convocatórias contra a corrupção em pequenos atos, a extrema-esquerda buscava uma revolução social, e a esquerda moderada passou para uma posição conservadora de defender o status quo (Fiuza, 2013). A extrema-esquerda percebeu que sua luta anticapitalista não fazia sentido com aquele mar de gente, e passou a fazer ator isolados.

No Rio de Janeiro, houve um fator diferente: os protestos continuavam unificados contra o governo de Sérgio Cabral. Assim, depois da revogação do aumento das passagens, a oposição continuou unida, e os black blocs se tornaram mais fortes e coerentes. Houve ocupação urbana na frente da casa do governador, e os black blocs tiveram um papel fundamental de defesa contra a repressão policial. Assim, a tática black bloc atuava como uma organização popular de defesa dos movimentos sociais (Fiuza, 2013).

Em São Paulo, no entanto, os black blocs, como os outros movimentos, se formaram isoladamente. Os black blocs primeiramente apoiaram os cariocas, e posteriormente começaram uma luta contra o governador Alckmin. A luta contra o governador Alckmin sugeriu aproximar diferentes posicionamentos políticos, como a esquerda moderada (principalmente favorítários ao PT) e a extrema esquerda, mas a reunião não foi possível por falta de compatibilidade, ou seja, tal como abordei anteriormente – lutas distintas, ainda que por alguns objetivos comuns.

Para Bruno Fiuza, historiador, a desconfiança entre estes dois posicionamentos políticos acaba com as possibilidades de aproveitar a energia social gerada pelas manifestações para construir novos espaços para debate e mobilização – que poderiam trazer perspectivas de ação política inéditas no Brasil.

A perspectiva de Fiuza não busca apagar as diferenças entre a cultura partidária e a cultura libertária que está na base dos black blocs, mas apenas propõe que estes dois setores trabalhem juntos pelas causas que os unem, apesar das diferenças. Entretanto, proponho aqui apresentar as dificuldades de se anular para poder somar.

A política partidária funciona desta forma: as alianças se fazem entre partidos de direita e esquerda, de ideologias completamente diferentes – e as ideologias acabam se anulando para um bem maior – as reformas, ou seja lá o que for. O problema é que o objetivo passa a ser as reformas, e o meio é a política. No entanto, muitas vezes o meio se torna o fim, e a política se torna o objetivo principal.

A tática da origem dos movimentos dos black blocs é atuar como organização popular de defesa dos movimentos sociais. Os black blocs começaram com essa tática, no Brasil – apoiando o Movimento Passe Livre, e dando força contra a repressão policial. A violência contra objetos se torna o denominador comum entre os black blocs, pois perceberam que o governo não escuta os movimentos sociais, e ainda usa força policial contra manifestações pacíficas – assim, a única forma de se fazer ouvir é partindo pra uma ação mais dura que afete, também, o Estado.

Os black blocs, desta forma, estavam dando apoio aos movimentos sociais no Brasil, mas os movimentos se misturaram de tal forma que as ideologias se tornaram muito contraditórias, e os black blocs começaram a atuar isoladamente. O movimento dos black blocs juntamente com outros movimentos sociais continuou a acontecer com força apenas no Rio de Janeiro. Com a proximidade da Copa do Mundo, no entanto, o movimento “Não vai ter Copa” começou a ter força, e os black blocs se juntaram com outros movimentos sob esta bandeira em comum.

Os principais motivos das manifestações contra a copa foram as violações dos direitos e o superfaturamento com as obras para a Copa do Mundo. De acordo com a Ancop (Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa), há uma estimativa de que duzentos e cinquenta mil pessoas foram removidas de suas casas no Brasil por razão de obras justificadas pela realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas. O poder público das cidades que estão sediando a Copa afirma não ter informações sobre despejos e, portanto, este número de pessoas afetadas não é exato. As Nações Unidas também questionaram a preparação para a

Copa, marcada por processos de falta de transparência do poder público, truculência e verticalidade (Comitê Popular da Copa, 2014).

Além disto, muitos estádios construídos para a Copa se tornarão obras subutilizáveis – estádios estes que foram obras caras, financiadas em parte pelo BNDES, que administra verbas públicas, em parte por dinheiro diretamente público dos governos estaduais.

Um outro problema levantado pelos manifestantes que são contra a Copa é a exploração sexual, haja vista que as redes do mercado de exploração sexual aumentam com tantos turistas. As grandes competições internacionais permitem que as redes de prostituição e exploração sexual estendam-se – por exemplo, na Copa do Mundo anterior, na África do Sul, o número aumentou de 100 para 140 mil durante o evento (Scelles, 2010). O Brasil possui um dos maiores níveis de exploração sexual infanto-juvenil do mundo, de acordo com o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (Comitê Popular da Copa, 2014), no qual estima-se que existiam quinhentas mil crianças e adolescentes nesta indústria em 2012. Com a Copa, estes números tendem a subir.

Antes mesmo da Copa, houve denúncias de aumento da exploração sexual nos arredores dos estádios e de grandes obras urbanas da Copa, divulgadas no jornal “Mirror”, da Inglaterra (Roper, 2014). A preocupação do governo acerca da exploração sexual durante o evento foi anunciada, mas quase nada foi feito em termos de políticas públicas. Organizações que combatem a exploração de pessoas afirmam que este assunto não é prioridade para os governos federais, e estes governos continuam reprimindo as trabalhadoras e trabalhadores do ramo.

O governo brasileiro, de certa forma, abriu mão da soberania do país para sediar a Copa do Mundo quando se comprometeu a acatar as demandas impostas pela FIFA e ofereceu garantias. Em 2012, portanto, foi sancionada a Lei Geral da Copa que criou zonas de exceção em relação à legislação nacional nas cidades-sede. Com esta lei, a FIFA pode estabelecer uma área de até dois quilômetros no entorno dos eventos da Copa do Mundo, na qual apenas patrocinadores oficiais podem legalmente comercializar produtos. Assim, os trabalhadores ambulantes seriam impedidos de trabalhar. Além disto, a lei prevê pena de até um ano para o uso de símbolos relacionados à Copa com vistas a fins comerciais. Ou seja, o comércio entorno da Copa do Mundo fica decidido pela FIFA. Por fim, esta lei concede isenção total de todos os impostos brasileiros à FIFA e a empresas parceiras do evento. Segundo a própria FIFA, a Copa do Mundo deve render-lhe dez bilhões de reais (Chade, 2014).

Corta. Um comentário acerca dos black blocs no Brasil de Dori Spezzato:

“Vão batalhar por algo concreto! Vão estudar pra poder sair pelas manifestações por algo realmente importante! Utópicos, manipulados!”

Dori Spezzatto, facebook, 4 de julho de 2014.

Take 2.

Por fim, houve um movimento do Estado brasileiro de expandir o aparato repressivo para inviabilizar protestos durante a Copa do Mundo. Além da frente legislativa, a frente policial e militar é ainda mais absurda. O governo federal gastou 50 milhões de reais em armamento menos letal até fevereiro deste (Comitê Popular da Copa de São Paulo, 2014), além de uma tropa de choque especial ter sido criada para atuar nas cidades-sede da Copa. Em São Paulo, um batalhão com mais de 400 policiais militares foi criado pelo governo com o objetivo de controle de “distúrbios civis e antiterrorismo”. Além disto, o Ministério da Defesa publicou um manual - “Garantia da Lei e da Ordem” - , que orienta as Forças Armadas. Nesse documento movimentos ou organizações são colocados como forças oponentes, e as principais ameaças consideradas são (1) bloqueios de vias públicas de circulação, (2) depredação do patrimônio público e privado, (3) paralisação de atividades produtivas, (4) invasão de propriedades e instalações rurais ou urbanas, segundo o texto do Comitê Popular da Copa de São Paulo, publicado na Carta Capital (2014). Assim, voltamos novamente aos black blocs e as manifestações atuais: a necessidade de ser radical.

4. Quarto movimento: Os “efeitos da verdade” de Taussig e as opiniões acerca dos black blocs

Em *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem* (1993), Taussig diz ver como, historicamente, efeitos da verdade são produzidos no interior de discursos que não são verdadeiros nem falsos em si mesmo. Este efeito da verdade repercute no modo de escrever e interpretar histórias, além de impactar as organizações sociais. O autor pensa, então, como construir um contradiscurso que possa subverter o que é representado, já que considera a rede social impregnada do mundo simbólico (Taussig apud Foucault, 1987).

O “efeito de verdade” deste ensaio até agora advém dos discursos a favor dos black blocs, dos próprios integrantes dos black blocs, e opiniões favoráveis às manifestações, encadeados com algumas opiniões contrárias aos black blocs. Sinto necessidade, a partir deste

momento, de expor mais este outro lado – o lado daqueles que criticam os black blocs e as manifestações que vêm acontecendo no Brasil. Haja vista que o acesso que tenho à opiniões que são contra os black blocs são majoritariamente de alguns jornais e comentários escutados na rua, decidi por buscar comentários e artigos na internet que sejam contra esta forma de organização. Como a maioria dos comentários que expus aqui, muitos são de pessoas que são contra movimentos de esquerda em geral, e consideram os black blocs “comunistas”, e “terroristas”.

Em um comentário na página “Black Blocs Brasil” no facebook, um perfil de nome “David Fox” comenta:

Esquerdalha é sempre igual. Faz mal a todos! Todos quem, os arruaceiros a mando do governo chamados black block? Aprende. Um coletivo é apenas um grupo. Como uma gangue ou bando.

Em outro comentário nesta mesma página, um outro indivíduo chama o movimento de criminoso, referindo-se aos militantes ligados a estes protestos como comunistas, assassinos, criminosos, e terroristas. Pede, enfim, que estes militantes deixem o país em paz.

Há muitas opiniões contrárias aos black blocs que são contrárias à militância ou a movimentos de esquerda em geral, como estes que acabo de citar acima. No entanto, há outras opiniões contrárias que são a favor das manifestações, mas contra a violência utilizada pelos Black Blocs – pois estes afastam pessoas dos movimentos sociais por terem medo, e afastam muitos que poderiam apoiar a causa. Na Revista Veja, por exemplo, o jornalista João Marcello anuncia a chamada:

Com desrespeito às instituições, intolerância e práticas violentas, mascarados expulsaram o cidadão comum dos protestos.

No mesmo artigo da revista, João Marcello ainda argumenta:

Nenhum dos caminhos dos protestos escolheu uma rota que passe pelas instituições competentes, pelos instrumentos do jogo democrático. Os mascarados querem suspender a Copa "no grito". Querem depor Sérgio Cabral, num golpe. Consideram que todo homem fardado deve levar bomba.

Os black blocs recorrem à violência de objetos, pois são contra os símbolos capitalistas, e usam violência contra a polícia apenas como defesa. Pelo fato dos black blocs não serem um movimento organizado e com encontros efetivos, e por qualquer um poder entrar, há indícios de policiais infiltrados em manifestações comportando-se propositalmente de forma violenta, além de muitos jovens que começaram a se manifestar e “se empolgaram”, quebrando outras coisas que não bancos.

Francis Dupuis, um cientista político canadense, afirma que os black blocs não são uma organização permanente. Tem caráter anarquista e, por isto, não tem um líder ou representante para falar com o governo. Assim, “antes e depois de uma manifestação, eles não existem”(Dupuis, 2013). Portanto, jovens indignados aderiram o movimento e foram além da proposta dos black blocs – quebraram postes, e bateram contra outras lojas que não bancos. Para alguns dos integrantes dos black blocs do começo do movimento no Brasil, este movimento destes jovens é legítimo, haja vista que estavam indignados, e sentiram esta vontade de violência.

Estas ações isoladas, no entanto, são negativas politicamente pois afastam pessoas do movimento e fazem com que muitos se posicionem contra os black blocs, como a própria Revista Veja publicou no comentário exposto acima. No entanto, eu, como alguns dos integrantes dos black blocs, acredito legítimo.

O sociólogo Geogfrey Pleyers identificou entre o agrupamento tanto jovens com baixos níveis de consciência política em busca de emoção como ativistas altamente politizados. Acredito que estes jovens com “baixos níveis de consciência política” podem não ter certeza do que pensam e do porquê, mas se sentem também indignados.

Volto, então, ao meu argumento principal – é necessário ser radical. A manifestação dos black blocs não pode ser pacífica, pois é uma resposta à repressão estatal e capitalista. É legítimo quebrar banco. Qual é o prejuízo que o banco tem quando é quebrado? E quantas pessoas – de renda baixa, principalmente – o banco quebra todos os dias? É impressionante como dez bancos quebrados choca mais do que dez crianças mortas na periferia pela polícia.

Um ideólogo da contracultura, Herbert Marcuse, acredita que não devemos quebrar o sistema nem por dentro nem por fora, mas por suas brechas (Marcuse, 1964). Os black blocs buscam estas brechas. Infelizmente, por falta de informação e desconhecimento – acredito eu -, muitos representantes do pensamento crítico brasileiro falaram da tática black bloc como uma tática “fascista”. Assim, ainda que tenha, em muitos momentos, contribuído para a classe trabalhadora no Brasil, acabaram por reproduzir o discurso da classe dominante diante da forma de contestação que não se enquadra em categorias conhecidas.

O que o Estado faz e a estrutura na qual este sistema vigente se baseia nos violenta cotidianamente. A desobediência civil violenta, a violência contra objetos é uma reação a isso. Esta “violência” dos black blocs não é gratuita, como muitos voltam a afirmar. É evidente que há falhas nas manifestações e erros por parte dos manifestantes, mas é inviável acreditar que há erros por parte dos manifestantes e não há erros por parte do Estado.

As injustiças cotidianas são muitas, e eu não sei como sobreviver se não continuar lutando. Voltando aos meus dez anos, percebo que as coisas continuam não estando nada bem. E eu não vou nada bem. E não vejo possibilidade de sobreviver se não lutar. As injustiças de todos os dias me deprimem. As formas de política institucionais, as relações materiais e as desigualdades me deprimem. E eu não vou nada bem. Por isto, não me resta muitas opções de posicionamento neste ensaio senão apoiar este movimento.

“Chatterton, suicidou
Kurt Cobain, suicidou
Vargas, suicidou
Nietzsche, enloqueceu
E eu, não vou nada bem”

Serge Gainsbourg

Sexto Movimento: Desfecho

Ser uma mulher conformada, e viver na inércia de um mundo que me pré-existe, ou lutar cotidianamente para que esse mundo seja um pouco meu, eis a alternativa. Hoje, para mim, não vejo a possibilidade de não ser radical. Pois se não sou radical, sou só metade. E tem bilhões de pessoas pelo mundo sendo só metade. O mundo é machista, racista, homofóbico, injusto. E os black blocs lutam pra ser inteiros. E pra dar possibilidade das pessoas serem inteiras.

Os black blocs não lutam pelo fim das televisões e das tecnologias – apenas criticam o modo como elas são utilizadas pelas mídias, o modo como elas são fabricadas por meio da exploração, e o modo como são um símbolo deste sistema tão desigual.

Hoje, em um dia comum que estou na rua, posso contar o número de vezes em que as pessoas se incomodam comigo. Por eu ser eu. Todos os dias, muitas vezes ao dia, as pessoas me ofendem. E se eu decido passar o dia em casa, se eu ligar a televisão, a televisão me

ofende com suas propagandas machistas. Ou a internet com suas propagandas em seus pop up's .

Os black blocs lutam por um ideal, que talvez exista daqui a 10, 100, 1000 anos ou nunca. Eu luto por um ideal que talvez exista daqui a 10, 100, 1000 anos ou nunca. Mas é necessário afirmar esse ideal todos os dias, e lutar por ele cotidianamente. Senão, neste mundo, neste Brasil tão torto, eu acabo me entortando junto, e esquecendo qual era meu caminho. Acabo marchando pra trás, como se fosse uma *Imbunche*, com todas as outras pessoas deste país, perambulando completamente fragmentadas (cf. Taussig, 1987).

Entre ter os pés no chão ou a cabeça nas nuvens, eu prefiro ter a cabeça nas nuvens. Ainda que meus pés saiam e voltem ao chão sempre. Mas se eu tiver apenas os pés no chão, não consigo lidar com o cotidiano – não consigo sobreviver. Isso sou eu. E, afinal, optei por falar de mim neste ensaio. Lembrei de um ditado – se quiser ser universal, fale do seu quintal. Só lembrei. E o resto é silêncio. Ou luta.

Referências

Adorno, Theodor. “O ensaio como forma” In: Adorno, W. T., *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida, Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2003, p. 15-45.

Azevedo, Reinaldo (2014). “Enquanto polícia de SP prende black blocs, ministro de Dilma bate papinho com eles”. Revista Veja.

URL: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/enquanto-policia-de-sp-prende-black-blocs-ministro-de-dilma-bate-papinho-com-eles/>

Azevedo, Reinaldo (2014). “Black blocs do carvalho”. Folha de São Paulo. URL:<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2014/06/1477028-black-blocs-do-carvalho.shtml>

Barros, Mariana (2014). “O black bloc de saias”. Revista Veja, publicado no dia 28/06/2014, 16:34.

URL: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-black-bloc-de-saias>

Chade, Jamil (2014). “Receita da Copa do Mundo supera R\$10 bilhões para a FIFA”. Jornal O Estado de São Paulo, publicado 06 de junho de 2014, 09:29.

URL:<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,receita-da-copa-do-mundo-supera-r-10-bilhoes-para-a-fifa,1506705>

Comitê Popular da Copa (2014). “Argumentos para continuar protestando contra a copa do mundo no Brasil”. Revista Carta Capital, publicado no dia 04/02/2014, 05:56.

URL:<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/argumentos-para-continuar-protestando-contra-a-copa-do-mundo-no-brasil-9970.html>

Erthal, João (2014). “Como o black bloc matou as manifestações”. Revista Veja.

URL:<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/como-o-black-bloc-matou-as-manifestacoes>

Farina, Carolina (2014). “Polícia prende black bloc que participou de depredação de concessionária”. Revista Veja. URL: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/policia-prende-black-bloc-que-participou-de-depredacao-de-concessionaria>

Fiuza, Bruno (2013). “Black Blocs: a origem da tática que causa polêmica na esquerda”. Fonte URL: <http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>

Locatelli, Piero; Vieira, William (2013). “O black bloc está na rua”. Carta Capital, publicado 21/08/2013 15:21.

URL: <http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>

Ludd, Ned (2002). *Urgência das ruas – Black block, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global*. Conrad.

Marcuse, Herbert (1964). “Ideologia da Sociedade Industrial”. Editora Zahar, Rio de Janeiro.

Monteiro, Paulo (2013). “Black bloc: fazemos o que os outros não tem coragem de fazer”. Revista Forum, publicado em agosto 20, 2013 19:20.

URL: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/08/black-bloc-fazemos-o-que-os-outros-nao-tem-coragem-de-fazer/>

Roper, Matt (2014). “Child Sex Shame in Brazil: Kids forced into prostitution by World Cup”. Revista Mirror, publicado em maio 31, 2014, 20:00.

S/A (2013). “Black Blocs: as ideias por detrás das máscaras”. Fonte URL: <http://paginadozero.wordpress.com/2013/07/22/black-blocs-as-ideias-por-detras-das-mascaras/>

Silva, Marcos (2013). “Os black blocs, apenas uma estratégia nas manifestações sociais? ”. Âmbito Jurídico.

URL: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14008

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Van Deusen, David; Massot, Xavier (2005). *The Black Bloc Papers: An Anthology of Primary Texts From The North American Anarchist Black Bloc 1988-2005*. Breaking Glass Press.

Vídeo: “Rompendo o Silêncio”, postado por Mídia independente Coletiva. URL: https://www.youtube.com/watch?v=NXr_U3AEpDE